

## Relações intertextuais na poesia de caça romana

### Intertextual relations in Roman poetry of hunting

*Matheus Trevizam\**

*\*Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)*

---

**Resumo:** Neste artigo, desejamos servir-nos do instrumental de análise, em Literatura, vinculado à intertextualidade. Por esse conceito, entendemos a geração de sentidos pelo leitor na interface constituída por uma obra posterior e aquela que ela “ecoa” (hipotexto). As obras escolhidas para essa forma de análise correspondem, neste caso, ao livro III das *Geórgicas* de Virgílio, ao *Cynegeticon liber* de Grácio Falisco e aos *Cynegetica* de Marco Aurélio Olímpio Nemesiano. O motivo da escolha dessas obras para uma análise conjunta é que vários pontos de contato podem ser divisados quando as comparamos. Tais pontos de contato nos indicam que Grácio deve ter lido a obra supracitada de Virgílio, incorporando-a a seu próprio poema, e que Nemesiano deve ter lido as obras de Virgílio e Grácio.

**Palavras-chave:** Poesia didática. Literatura latina. Intertextualidade.

---

**Abstract:** In this article we wish to make literary analyses by means of using instruments related to intertextuality. By intertextuality we understand the generation of meanings arisen by readers under interfaces of a later work and a work it “echoes” (hypotext). The works chosen for this type of analyses are here represented by the Book III of the *Georgics* of Virgil, the *Cynegeticon liber* of Grattius Faliscus and the *Cynegetica* of Marcus Aurelius Olympius Nemesianus. The reason for these works having been chosen for a joint analysis is due to the existence of several points of contact among them, which can be seen when they are compared with each other. Such points of contact indicate us that Grattius must have read the above-mentioned work of Virgil, incorporating it into his own poem, and that Nemesianus must have read Virgil’s and Grattius’ works.

**Keywords:** Didactic poetry. Latin literature. Intertextuality.

---

## Introdução

Referindo-nos ao termo “intertextualidade”, entendemos a “presença num texto de outro(s) texto(s) por ele evocado(s) e integrado(s) produzindo significação” (VASCONCELLOS, 2001, p. 33). Em contraste, portanto, com procedimentos analíticos do passado que já se tinham ocupado, na Filologia clássica, de aproximar obras, ou seus trechos, de passagens de obras anteriores, contudo sem aprofundar-se no quesito interpretativo, os estudos intertextuais ofereceram aos estudiosos a possibilidade de dar um passo além, como se o olhar para o intertexto privilegiasse, justamente, o processo de *geração de sentidos* no contato do público com as produções literárias:

Até o século passado [o séc. XIX], o estudo das relações intertextuais quase sempre se limitava à identificação minuciosa das ‘fontes’. [...] A bem da verdade, a *Quellensforschung*, em que têm brilhado sobremaneira os filólogos alemães, é passo indispensável e primeiro para a análise intertextual, pois que de início, obviamente, é preciso detectar a alusão, tarefa árdua, que exige conhecimento extenso e ativo dos escritores da tradição cultural em que se insere o poeta ou prosador em foco, bem como a perspicácia de perceber sutilezas alusivas, mas não se pode dizer que se compreendeu a função de uma retomada de outro texto simplesmente quando se apontou a ‘fonte’ ou fontes certas ou possíveis (VASCONCELOS, 2001, p. 25).

Esse jogo interpretativo focalizado pelos estudos intertextuais, ainda, diferencia-se da visada da “arte alusiva” sobre os poetas antigos, segundo exposta em um artigo pioneiro de Giorgio Pasquali (1968, p. 278). Como explica Patricia Prata (2017, p. 129), embora esse crítico já tivesse ciência de que as “referências” textuais de Virgílio a Vário, por exemplo, não constituíam mero “adorno” da obra do primeiro poeta, permanecia em seu entendimento a noção mais ou menos problemática de que, aludindo ao autor do passado, o epígono “*intencionaria* que seu leitor percebesse tal alusão”. Além disso, continua Prata (2017, p. 129, grifos da autora), ao expor as ideias de Pasquali: “Vário por certo *tinha em mente* Marco Antônio e nele *Virgílio terá desejado* que pensasse seu leitor... (PASQUALI, 1968, p. 278)”.

Ou seja, enquanto a ideia de intertextualidade, como dissemos, favorece a busca dos sentidos gerados no *polo do leitor*, quando se coloca um texto em contato com outro texto através de citações reconhecíveis, aquela de “arte alusiva” continuava tributária de pontos de vista que atribuíam ao *autor* de uma dada obra suas “óbvias” intenções.

Posicionando-se a respeito da (problemática) categoria de “autor” e (de seu papel na teoria intertextual), Prata (2005, p. 222 e 2017) ressalta que, tendo-se um dia declarado a “morte” desse elemento do jogo literário,<sup>1</sup> na verdade seria mais prudente compreendê-lo sob um viés específico, não “assassiná-lo”.

Segundo essa estudiosa, as tentativas de apenas “escamotear” a categoria do autor na verdade resultaram em mero movimento em círculos: sendo, assim, tão difícil definir “autor” quanto “obra”, de todo modo permanece inegável que “é impossível conceber uma obra sem autor e um autor sem obra” (PRATA, 2005, p. 222). Ainda em defesa desse ponto de vista, Prata (2005, p. 224) ressalta que a posição da crítica moderna de procurar “desconsiderar o gesto de escrever” e “qualquer marca que faça referência ao que alguém tenha querido dizer” – cabendo-lhe apenas questionamentos sobre “inter-relações entre signos”, análises da “condição espaço-temporal em que as obras foram produzidas” etc. – pouco consegue além de esconder a “referência que a escrita já faz ao autor, pois ambos são concebidos simultaneamente durante a enunciação”.

Preferindo, então, ater-se à visão foucaultiana da “função autor”,<sup>2</sup> a qual não concebe tal elemento como idêntico a um ser empírico imediatamente responsável pela escrita de certa obra, mas antes à maneira de um “princípio de agrupamento do discurso, como unidade e origem de suas significações, como sede de sua coerência” (PRATA, 2005, p. 225), a mesma estudiosa procura conduzir essa discussão para o âmbito das Letras antigas. Desse modo, conforme ressalta, embora o *tópos* da imortalidade das Letras também fosse encontrado na lírica grega, seria própria dos romanos “a ideia de permanência, através da obra, do autor e dos que tiveram seus feitos narrados” (PRATA, 2005, p. 228). A

---

<sup>1</sup> “Através da linguística, Barthes consegue o argumento cabal para a destruição do autor: todo processo enunciativo é vazio e preenchido por um sujeito de discurso, e não por um eu que faça relação com alguma pessoa real. O autor, então, não é nada mais do que uma simples categoria vazia, uma posição enunciativa a ser preenchida, o que significa dizer que ele nasce juntamente com sua obra, pois a enunciação só se dá no momento em que é realizada” (PRATA, 2005, p. 221). O ensaio de Barthes (1988 [1968]) a que a autora alude se encontra elencado nas referências bibliográficas deste artigo.

<sup>2</sup> “Para tanto, Foucault propõe quatro marcas distintivas da função autor. Primeiro, entre o autor e a obra se estabelece uma relação de propriedade, a partir da qual se reconhece uma relação de risco, já que o autor, sendo o responsável por aquilo que escreve, pode ser punido. Segundo, ‘a função autor não se exerce de forma universal e constante sobre todos os discursos’ (1969, p. 48), pois, de acordo com o momento histórico, vemos discursos serem desprovidos de tal função, ou submetidos a ela. Terceiro, essa função não é estabelecida espontaneamente pela atribuição de um escrito a um autor, mas sim pelo ‘resultado de uma operação complexa que constrói um certo ser racional que chamamos autor’ (1969, p. 50), ou seja, o autor é construído a partir dos textos que lhe são atribuídos (então, o autor é posterior a sua obra). Finalmente, a função autor não nos remete a um ser real, mas a posições de sujeito que diferentes indivíduos podem ocupar” (PRATA, 2005, p. 225). O ensaio de Foucault (2000 [1969]) a que a autora alude se encontra elencado nas referências bibliográficas deste artigo.

respeito da *Ode* III, 30 de Horácio,<sup>3</sup> por exemplo, poder-se-ia afirmar:

Essa busca da glória eterna pelos romanos, como se vê, perpassa e é estabelecida na relação autor-obra. Tal relação configura, por um lado, a interdependência dessas duas noções: a obra, por seu caráter duradouro e perene, immortaliza o autor e este, por sua vez, compõe aquela, ou seja, não existe obra sem autor nem autor sem obra. Por outro lado, o desejo de imortalidade exprime uma preocupação com a autoria, haja vista a necessidade individual de se perpetuar através da obra. A vontade de ser lembrado caracteriza, de certa forma, uma necessidade de individualização, a qual se materializa pela e na obra (PRATA, 2005, p. 229).

Em artigo posterior, propriamente, Prata (2017, p. 136) retoma com endosso algumas colocações de Barchiesi (1997, p. 211), na medida em que, assim como o crítico italiano da área da intertextualidade, entende ser importante “um olhar na direção da produção do texto e da figura do autor”. Tal autor, contudo, “não é um ser intencional, mas sim um construto do próprio texto, pois [...] ‘negar intencionalidade não significa excluir esse olhar em direção à produção do texto’” (PRATA, 2017, p. 126).<sup>4</sup> Em seguida, sempre desenvolvendo as ideias de Barchiesi sobre a figura do autor no âmbito dos estudos intertextuais, o artigo em pauta explica que essa figura não determina a alusão feita por algum texto “a outro, nem seu significado”; ainda, que ele “não é o criador da teia alusiva, mas sim uma estratégia de leitura, um subterfúgio que ajuda os estudiosos a se localizarem no tempo ou mesmo propor uma unidade significativa para uma dada obra” (PRATA, 2017, p. 136).

Por sua vez, Fowler (2000, p. 117) ressaltou ser a intertextualidade, imprescindivelmente ligada ao sistema de todo texto, revestindo-se de caráter *coletivo e múltiplo*, como se cada gesto de leitura viesse potencialmente acrescentar aos sentidos em

---

<sup>3</sup> *Exegi monumentum aere perennius/ regalique situ pyramidum altius,/ quod non imber edax, non Aquilo inpotens/ possit diruere aut innumerabilis/ annorum series et fuga temporum./ Non omnis moriar multaue pars mei/ uitabit Libitinam; usque ego postera/ crescram laude recens, dum Capitolium/ scandet cum tacita uirgine pontifex.* – “Construí monumento mais perene que o bronze/ e mais alto que o sítio real das pirâmides,/ que nem a chuva voraz, nem o Aquilão violento/ poderiam arruinar, nem a inumerável/ série dos anos, nem a fuga do tempo./ Não morrerei por inteiro e grande parte de mim/ evitará Libítina; continuamente crescerei/ renovado pelo louvor dos pósteros, enquanto o pontífice/ subir ao Capitólio com tácita virgem” (HORÁCIO, *Odes* III, 30, 1-9, trad. M. Trevizam).

<sup>4</sup> O trecho aqui citado entre aspas simples retoma Barchiesi (1997, p. 211).

incessante produção.<sup>5</sup> Semelhante entendimento inviabiliza, mesmo quando falamos, sob enfoque intertextual, em certos textos poéticos como obras de “autoria” de Virgílio, de Nemesiano etc., compreender que os sentidos obtidos na leitura através desse instrumento analítico apontam para o “desentranhamento” das intenções dos próprios poetas empíricos que os compuseram. Antes, em casos assim, trata-se de buscar na figura dos poetas um “ponto de origem” para a produção dos textos,<sup>6</sup> bem como de nos permitirmos um modo para associar as obras à suas respectivas coordenadas temporais (Virgílio é tido como autor clássico, modelar e anterior aos mais “tardios” Grácio e Nemesiano, por exemplo), propondo-lhes alguma “unidade significativa”.

Acrescentamos que, para Fowler (2000, p. 15), a visada intertextual “democratiza” o entendimento do processo de geração de sentidos em uma direção diferente daquela da pulverização interpretativa nas mãos de tantos leitores, a qual temos comentado. Aqui nos referimos a esse crítico ter retirado, no ensaio que citamos, o monopólio alusivo dos textos literários, vindo de fato a defender não só que a intertextualidade é inerente à linguagem humana mas, ainda, que pode manifestar-se nos mais diferentes sistemas semióticos (pictóricos ou não pictóricos, dotados de um caráter erudito ou popular etc.).

Passaremos a pronunciar-nos, na sequência, a respeito dos nexos intertextuais a unirem três obras da Literatura latina clássica. São essas obras, em uma sequência da mais

---

<sup>5</sup> “Voltando ao quadro de Fowler, vemos que as duas mudanças seguintes de pontos de vista, acarretadas pelo deslocamento de foco da intertextualidade com relação à alusão, dizem respeito ao caráter coletivo e múltiplo daquela, ao contrário do caráter individual e singular desta. Afirmar isso significa novamente descartar da constituição da teia alusiva do texto a intenção do autor, pois, no tocante à questão de seu caráter coletivo, sendo a intertextualidade parte essencial do mecanismo da linguagem, ela não é estabelecida pela vontade de alguém em particular, e a percepção de sua existência só se dá no momento da leitura por uma competência própria dos leitores” (PRATA, 2017, p. 141-142).

<sup>6</sup> No tocante à questão da “autoria” das *Geórgicas* de Virgílio, nos termos discutidos aqui, veja-se Prata (2005, p. 229): “Os poetas, por sua vez, faziam o uso da *sphragis* (ou sinete) para marcar autoria – alguns versos introdutórios ou conclusivos ‘nos quais o poeta se afasta do assunto que estava tratando para revelar sua própria identidade ao leitor’ (Lawrence Richardson, verbete *sphragis* da *Enciclopedia Virgiliana*, 1988, p. 997). Em Roma, foi utilizado por poetas como Virgílio, Ovídio e Propércio. Virgílio, antes de iniciar propriamente a *Eneida*, teria feito uso da *sphragis* para se apresentar como aquele que escrevia versos amenos e úteis aos agricultores (fazendo, assim, referências às *Bucólicas* e *Geórgicas*); também nas *Geórgicas*, ao final do livro IV, faz referências a si mesmo (seu nome encontra-se verbalizado) e às *Bucólicas*, seja para se caracterizar como o autor das mesmas, seja para sugerir a unidade de sua obra”. Embora sem servir-se de seu nome, Nemesiano, em v. 58-62 de *Cynegetica*, também esboçou uma espécie de itinerário autoral próprio, segundo notam Duff & Duff (GRATTIUS, 1998, p. 452) em sua “Introdução” à edição de Harvard da obra: “The *Cynegetica* may be assigned to the period which elapsed between the death of Carus in 283 A.D. and that of Numerianus in 284; and, if we decide that in *Cynegetica* 58-62 Nemesianus is referring to his eclogues as lighter performances than his ambitious literary voyages into didactic poetry, then we may date his pastorals as earlier”.

antiga para a mais nova, as *Geórgicas* de Virgílio (publicação em 29 a.C.), o *Cynegeticon liber* de Grácio Falisco (séc. I a.C. – I d.C.) e os *Cynegetica* de Marco Aurélio Olímpio Nemesiano (séc. III d.C.). Justamente, as *Geórgicas*, que contêm 4 livros vinculados à exposição de assuntos rurais (lavouras, árvores, pecuária e apicultura), concentram em seu terceiro o tema da criação de animais de pequeno (ovinos e caprinos) e grande porte (bovinos e equinos), com eventual abordagem da raça dos cães (v. 371).

Por sua vez, a única obra conhecida de Grácio, que Ovídio pode ter citado em sua *Ars amatoria* (OVID, 1977, p. XVIII), corresponde a um texto também concentrado, embora de maneira distinta, sobre assuntos “zoológicos”, na medida em que, nela, o autor expõe tópicos de caça, focalizando com especial cuidado as armas e o tratamento dos cães ao longo de 540 versos. Enfim, já inserido em uma fase considerada tardia da Literatura latina, o cartaginês Nemesiano dedicou-se, além da escrita de 4 poemas bucólicos, na tradição do Virgílio das *Éclogas*, à composição de uma obra bastante próxima, em sua concepção e assunto, do *Cynegeticon liber* de Grácio, mas que não deixa de guardar semelhanças, como veremos, com o terceiro livro das *Geórgicas*. Os *Cynegetica*, portanto, apresentam 325 versos ocupados de preceituar, de forma algo superficial, a respeito da caça, em cobertura a assuntos como o armamento, o trato aos cachorros e cavalos de uso nas expedições de captura etc.

Essas palavras já bastam para que se produza a percepção de que o poema didático de Virgílio, não sendo uma obra de teor venatório, encontra-se mais ou menos “deslocado” em seu papel de hipotexto<sup>7</sup> para Grácio (*Cynegeticon liber*) e Nemesiano (*Cynegetica*). Isso, porém, não é algo passível de causar-nos grande estranhamento, na medida em que, descontadas eventuais divergências de conteúdo básico entre as *Geórgicas* e os outros textos aludidos, sempre divisamos em todos a pertença a um mesmo “gênero” literário e, especificamente em Virgílio, um autor cuja assimilação a obras posteriores se fez duradoura e decisiva, em vista do incomum talento expressivo encontrável em suas obras.

## 1 Análise

Iniciando nossas efetivas colocações a respeito dos elos intertextuais a unirem

---

<sup>7</sup> “Hipotexto” corresponde etimologicamente (gr. *hypó* = “sob”), na teoria intertextual, ao texto que está “por debaixo” de outro, a retomá-lo num momento posterior. “Quando pensamos na evocação dos suplícios do Hades [por Propércio de *Elegias* I, 3], que poeta anterior nos vem à mente? Lucrécio, por certo, com os brilhantes versos do livro III em que fornece uma interpretação alegórica, considerando-a confortadora, das punições que tradicionalmente, desde Homero na literatura, sofriam no Tártaro os grandes criminosos do mito” (VASCONCELLOS, 2001, p. 45).

Grácio Falisco e Nemesiano a Virgílio, mas também o segundo poeta citado, por ser mais tardio que seu predecessor imediato na Literatura venatória romana, a esse último, fazemos, de início, com que se atente para as passagens abaixo:

*At si deformi lacerum dulcedine corpus  
persequitur scabies, longi uia pessima leti:  
in primo accessu tristis medicina, sed una  
perniciis redimenda anima, quae prima sequaci  
sparsa malo est, ne **dira trahant contagia uolgus.***<sup>8</sup> 410

*Quam procul aut molli succedere saepius umbrae  
uideris aut summas carpentem ignauius herbas  
extremamque sequi aut medio procumbere campo  
pascentem et serae solam decedere nocti,  
continuo culpam ferro compesce, priusquam  
**dira per incautum serpent contagia uolgus.***<sup>9</sup> 465

Em Grácio, que corresponde ao autor do excerto de cima, o poeta aborda um ponto específico das doenças passíveis de se abaterem sobre os *cães de caça*. Esse ponto diz respeito, como notamos, ao mal cutâneo da sarna, acrescentando o autor que o melhor, se ele se manifesta sobre uma matilha, é logo providenciar o abate do(s) primeiro(s) animal(-is) atingido(s), a fim de impedir que a doença se espalhe em meio aos demais cachorros. O trecho virgiliano que aventamos como polo de “diálogo” com Grácio, por sua vez, antes descreve os sintomas de uma *ovelha* que está enferma, para só em seguida propor a mesma solução drástica depois recuperada pelo autor de *Cynegeticon liber*: trata-se, evidentemente, de sempre sacrificar o primeiro animal doente, em obediência à lógica de que mais vale a perda de uma vida que a de todas.

Ora, os trechos em destaque permitem-nos notar que há “marcadores alusivos”<sup>10</sup> a

<sup>8</sup> “Mas, se a sarna persegue um corpo lesado com feio/ comichão, a via de dilatada morte é a pior: ao primeiro/ sintoma, é amargo o remédio, mas deve-se pagar resgate/ da ruína com uma só vida, a primeira atingida pelo/ mal infectante, para *duros contágios não arrastarem o bando*” (GRÁCIO FALISCO, *Cynegeticon liber* 408-412, trad. M. Trevizam, grifos nossos).

<sup>9</sup> “Vendo alguma ao longe, ou que se aproxima com muita frequência da sombra/ suave, ou que come um tanto sem vontade as pontas da relva/ e segue por último, ou que se prostra no meio do campo/ ao pastar e, tarde da noite, retira-se sozinha,/ logo lhe reprime o mal a ferro, antes/ de o *duro contágio insinuar-se pelo bando* desprevenido” (VIRGÍLIO, *Geórgicas* III, 464-469, trad. M. Trevizam, grifos nossos).

<sup>10</sup> Marcadores alusivos são elementos, de natureza variada (palavras, expressões, figuras de linguagem etc.), que permitem “remontar” um texto a outro anterior: “Levando em consideração a interpretação sugerida por Cartault para o uso desse verbo na *Eneida*, pode-se supor que o verbo *iactare* por Ovídio funciona como um

favorecerem real proximidade entre os versos supracitados de Grácio Falisco e de Virgílio. Contudo, há também diferenças decorrentes da “incorporação” do contexto agrário das *Geórgicas* naquele venatório de *Cynegeticon liber*: com efeito, primeiro parece importante repisar que se passa, na última obra considerada, a preceituar sobre cães, enquanto em Virgílio assistíamos a conselhos para lidar com ovelhas. Com isso, produz-se em *Cynegeticon* a impressão de que, apesar da retomada da dicção virgiliana, neste como em outros pontos, tal processo se fez com independência e de acordo com pressupostos, sobretudo, cabíveis às exigências temáticas de uma obra na qual os animais domésticos (exceto os cavalos e, sobretudo, os cães) não têm muito espaço, inclusive devido à troca de “cenário” dos estábulos e pastagens pelos bosques e clareiras para captura de feras selvagens. Por outro lado, no cotejo com Virgílio, a violência do abate animal assim recomendado em *Cynegeticon liber* parece algo amortecida sob ângulo intertextual, na medida em que sacrificar cachorros, animais por si só associáveis a instintos predatórios, talvez soe um pouco menos agressivo que fazê-lo diante de mansas ovelhas.<sup>11</sup>

Vista sob tal prisma, a intertextualidade que envolve essas passagens de Virgílio e Grácio também assume contornos de uma espécie de “crítica” do poeta posterior sobre o modelo, como se, dissemos, a crueza do sacrifício de um animal tão manso e prestativo ao homem não fosse mais cabível nos versos de *Cynegeticon*. Semelhante interpretação que, como leitores, mobilizamos no intertexto de *Geórgicas* e *Cynegeticon* corresponde a algo em relativa harmonia com certos dizeres de Stephen Hinds (1998, p. 106-107), embora no tocante a obras distintas daquelas aqui analisadas. Para esse estudioso, os frequentes elos intertextuais a envolverem a *Eneida* virgiliana (publicação em 19 a.C.) e as *Metamorfoses* de Ovídio Nasão – 43 a.C. a 17 d.C. –, o qual amiúde a “retoma” à sua maneira, implicam de algum modo em “afirmar” ter sido Virgílio “inferior” à sua obra, num aspecto como a habilidade para desenvolver o tema das transformações dos seres em corpos distintos:

Ele rastreia a linha narrativa da *Eneida* de perto; mas onde quer que Virgílio seja elaborado, Ovídio é breve, e onde quer que Virgílio seja

---

marcador alusivo, pois ele aparece nos *Tristes* para descrever uma das características mais importante do infortúnio do protagonista: estar destinado a ser um brinquedo do mar até alcançar seu destino, o local de seu desterro” (PRATA, 2002, p. 57).

<sup>11</sup> A ideia de que o tratador de rebanhos venha a permitir o sacrifício de qualquer um de seus animais parece abruptamente agressiva, em *Geórgicas* III, na medida em que também se enfatiza, na mesma parte do poema didático de Virgílio, o desvelo desse tratador diante de todos os rebanhos e manadas do *fundus rusticus*: “In book 3, horses, cattle, sheep and goats are frequently objects of the farmer’s *cura*. And yet the farmer must sometimes treat these same animals with considerable harshness. He is to have no pity for an old or imperfect breeding animal, and infected animals must be bled or even slaughtered to save the rest of the flock; I have already mentioned the ‘enslavement’ of young calves” (GALE, 2000, p. 101-102).

breve, Ovídio elabora... e geralmente elabora de modo a desenvolver os temas característicos de seu próprio épico, não os de Virgílio. [...] Em vez de se construir como um leitor epigonal da *Eneida*, Ovídio está construindo Virgílio como um *precursor hesitante* das *Metamorfoses*.<sup>12</sup>

Evidentemente, como se pronuncia Hinds no tocante a semelhante “declaração de inferioridade” por um ousado Ovídio, poeta em óbvio contraponto com a trama da *Eneida*, sobretudo, nos cantos XIII e XIV de sua epopeia a respeito das mudanças que a tudo afetam, tal processo não se dá de forma explícita, do ponto de vista verbal. Ou seja, na verdade não se registram nas *Metamorfoses* quaisquer formulações linguísticas de ataque direto à grandeza do grande épico romano, mas o fato em si de ocorrerem marcadas discordâncias entre o modo de desenvolvimento dos mitos de transformação corpórea nesse contexto e em Virgílio acaba configurando tal crítica sutil.<sup>13</sup>

Também se deve dizer que a viabilidade de uma leitura como essa ganha reforço, no tocante às *Metamorfoses*, pela frequência dos “desafios” de Ovídio a Virgílio. Ainda, conforme intentamos demonstrar ao longo de nossas análises, também não é raro que os dois autores cinegéticos a que aludimos, lidos em contraponto com o livro III das *Geórgicas* – ou mesmo na relação que estabelecem entre si –, critiquem, corrijam e, enfim, operem intertextualmente em prol da defesa das nuances do didatismo mais caras a si próprios, não a outros.

Quando se passa ao exame intertextual em um par a envolver cotejos entre Nemesiano e as *Geórgicas* de Virgílio, pode-se dizer que as possibilidades de compará-los ocorrem desde os *prooemia* dos *Cynegetica* e do outro poema didático citado. Assim, tem-se por vezes observado que o modo de Nemesiano construir o próêmio desse texto, segundo procedimentos em que não faltam, inclusive (pelo avesso), o recurso abundante à mitologia e o gesto da *recusatio* de certos temas por ora dados como inadequados, não fica a dever aos inícios de *Geórgicas* III:

---

<sup>12</sup> “He tracks the narrative line of the *Aeneid* closely; but wherever Virgil is elaborate, Ovid is brief, and wherever Virgil is brief, Ovid elaborates... and generally elaborates in such a way as to develop the characteristic themes of his own epic, not those of Virgil’s. [...] Rather than construct himself as an epigonal reader of the *Aeneid*, Ovid is constructing Virgil as a *hesitant precursor* of the *Metamorphoses*” (HINDS, 1998, p. 106, trad. M. Trevizam, grifos nossos).

<sup>13</sup> “There is a *Metamorphoses* latent in the *Aeneid*, Ovid’s treatment tells us: in Circe and in the biform Scylla, as also in the transformation of Aeneas’ ships into nymphs and in the transformation of Diomedes’ companions into birds. But in Virgil these myths are fragmented, scattered, unresolved: not until Ovid’s own poem are they gathered into perfection and system” (HINDS, 1998, p. 106).

O proêmio estira estruturalmente a introdução do terceiro Livro das ‘Geórgicas’ de Virgílio, cujas partes principais (a) *recusatio* de temas mitológicos já tratados, (b) reivindicação de originalidade para o próprio objeto, junto com afirmações poetológicas e (c) anúncio de um Épos contemporâneo, elogioso ao soberano, também compõem a arquitetura nos ‘Cynegetica’.<sup>14</sup>

Nesse caso, podemos dizer que a vinculação intertextual de Nemesiano a Virgílio ocorre de forma relacionada à estrutura de um e outro introito. Com efeito, no tocante à *recusatio* de vários temas míticos já desenvolvidos por outros autores, Virgílio fala, entre v. 3-8 de *Geórgicas* III, em não querer abordar as lendas de Euristeu, Busíris e Hilas;<sup>15</sup> ainda, em evitar algo em nexa com Delos de Latona<sup>16</sup> e as aventuras de Pélope e Hipodâmia.<sup>17</sup> Essa mesma parcela do proêmio, em Nemesiano, encontra-se ocupada pela recusa às lendas de Níobe (v. 15),<sup>18</sup> de Sêmele (v. 16) e Baco (v. 18),<sup>19</sup> de Agave – não nomeada (v. 21) –,<sup>20</sup>

---

<sup>14</sup> “Das Prooem zerdehnt strukturell die Einleitung von Vergils drittem Buch der ‚Georgica‘, dessen Hauptteile (a) *recusatio* abgehandelter mythologischer Themen, (b) Originalitätsanspruch für den eigenen Gegenstand nebst poetologischen Aussagen und (c) Ankündigung eines zeithistorischen panegyrischen Epos auf den Herrscher auch die Bauform in den ‚Cynegetica‘ ausmachen” (NEMESIANO, 2014, p. 3, trad. M. Trevizam).

<sup>15</sup> Euristeu, Busíris e Hilas correspondem, respectivamente, a um oponente de Hércules, que lhe impôs os “Doze Trabalhos” por instigação de Hera (VIRGÍLIO, *Eneida* VIII, 292); a um rei lendário do Egito, que praticava sacrifícios humanos servindo-se dos hóspedes atraído em seu reino (OVÍDIO, *Tristes* III, 11-39); ao jovem amante de Hércules, um dia roubado dele, por causa de sua beleza, pelas ninfas (APOLÔNIO DE RODES, *Argonáuticas* I, 1207 *et seq.*).

<sup>16</sup> Latona era a divindade que dera à luz os deuses Apolo e Ártemis, na ilha de Delos (VIRGÍLIO, *Eneida* III, 75-76).

<sup>17</sup> Hipodâmia era a filha de Enómao, rei na Élida, cujo pai impunha a todos os pretendentes à sua mão que vencessem seus rápidos cavalos em uma corrida, sendo a paga da derrota a morte. Pélope, no entanto, servindo-se de seus corcéis alados, conseguiu vencer o futuro sogro quando Hipodâmia subornou o cocheiro de seu pai (VIRGIL, 2001, p. 179).

<sup>18</sup> Níobe, rainha de Tebas, tinha seis filhos e seis filhas de extrema beleza. Por jactar-se disso, comparando sua prole a Apolo e Ártemis, foi punida pela mãe desses Numes com a morte repentina de toda a prole, tendo por fim sido metamorfoseada em rochedo (HOMERO, *Iliada* XXIV, 599 *et seq.*).

<sup>19</sup> Sêmele, princesa Tebana, foi amante de Zeus e, por isso, punida com a morte pela ciumenta Hera, esposa dele. Um dia, com efeito, disfarçada de ama de Sêmele, essa deusa sugeriu a ela que solicitasse a Zeus para aparecer em sua presença não sob a forma humana, mas em todo seu esplendor divino. Dessa forma, a princesa foi queimada pela luz fulgurante do deus e ele apenas pôde salvar Baco, o filho de ambos, retirando-o do ventre do cadáver e costurando-o em sua coxa para que se completassem os meses da gestação (OVÍDIO, *Metamorfoses* III, 259 *et seq.*).

de Dirce (v. 22),<sup>21</sup> do rei Enómao de Pisa (v. 23)<sup>22</sup> de Dânao (v. 23),<sup>23</sup> de BÍblis e Mirra (v. 26),<sup>24</sup> de Cadmo (v. 30),<sup>25</sup> de Io (v. 31),<sup>26</sup> de Hércules (v. 32),<sup>27</sup> de Tereu (v. 33) e Filomela (v. 34),<sup>28</sup> de Faetonte (v. 35),<sup>29</sup> dos Tantálidas (v. 39) – Atreu, Tiestes, Agamêmnon,

---

<sup>20</sup> Agave era filha do rei de Tebas, Cadmo, e de Harmonia, além de mãe do rei Penteu, dessa mesma cidade. Como seu filho profanou um rito das Bacantes em que ela estava presente, essa mulher, em transe, acabou por puni-lo com as companheiras de culto, despedaçando seu corpo vivo (EURÍPIDES, *As Bacantes*, 1043 *et seq.*).

<sup>21</sup> Dirce era esposa do rei Lico de Tebas e torturou Antiope, mãe de Anfíon. Como punição, Anfíon amarrou-a a um touro bravo, o qual fez com que seu corpo se despedaçasse sobre rochedos (HIGINO, *Fábulas* 7 a 11).

<sup>22</sup> Enómao, rei de Pisa, na Élide, era filho do deus Ares e de Esteropeia, além de pai da supracitada Hipodâmia. Acabou, segundo versões do mito, morto pelo genro (EURÍPIDES, *Orestes* 982 e 990).

<sup>23</sup> Dânao, filho de Belo e de Anquinoe, ganhou em uma disputa oratória contra Gelanor o trono da cidade de Argos (VIRGÍLIO, *Eneida* IV, 337 e X, 497).

<sup>24</sup> BÍblis e Mirra foram jovens que se viram envolvidas em relações incestuosas com parentes. Então, o alvo dos amores de BÍblis foi Cauno, seu próprio irmão (OVÍDIO, *Metamorfoses* IX, 451 *et seq.*); Mirra, por sua vez, enamorou-se de seu pai, o rei Tias, e com ele concebeu o formoso Adônis (HIGINO, *Fábulas* 251).

<sup>25</sup> Veja-se *supra* nota 20.

<sup>26</sup> Io foi uma jovem amante de Zeus. Perseguida por Hera devido aos ciúmes da deusa, foi metamorfoseada em novilha pelo amante, a fim de ocultar-se e poder fugir da ira de sua consorte. Isso, no entanto, não a livrou de muitas perseguições e dores infligidas pela rival, até que enfim recuperou a forma humana e tornou-se rainha do Egito (MARCIAL, *Epigramas* XI, 47, 4).

<sup>27</sup> Hércules é, evidentemente, uma das principais figuras heroicas do mito antigo, correspondendo a um filho de Zeus e da mortal Alcmena. Seus “Doze Trabalhos” foram a matança do leão de Nemeia, o abate da hidra de Lerna, a corrida vitoriosa contra a corça de Cerínea, a captura do javali de Erimanto, a limpeza dos currais de Augias, a matança das aves do lago Estínfalo, a derrota do touro de Creta, a punição a Diomedes, a vitória contra as Amazonas, a matança do gigante Gerião, a colheita dos pomos de ouro no Jardim das Hespérides e a captura de Cérbero no Hades. Acabou morrendo depois de colocar sobre o corpo um manto envenenado com o sangue do centauro Nesso, oferecido por Dejanira, sua esposa (OVÍDIO, *Metamorfoses* IX, 182 *et seq.*).

<sup>28</sup> Tereu e Filomela foram cunhados, sendo o primeiro casado com Procne e rei da Trácia. Apaixonado por Filomela, ele a violentou e cortou sua língua para que nada revelasse à irmã; contudo, a moça estuprada fez chegar a Procne uma tapeçaria com um bordado a conter o relato imagético de suas desventuras e, assim, permitiu o desmascaramento de Tereu. Por fim, as mulheres mataram Ítis, o pequeno filho do rei, e serviram sua carne ao pai; derradeiramente, todas as personagens envolvidas nesses crimes foram metamorfoseadas em aves (OVÍDIO, *Metamorfoses* VI, 426 *et seq.*).

<sup>29</sup> Faetonte era filho de Hélios, o sol no mito grego. Um dia, pediu a seu pai a permissão para conduzir o carro com que esse percorria o firmamento a cada dia, mas, tendo-se desviado da rota recomendada, ameaçou abrasar o mundo com as chamas solares. Assim, foi morto por Zeus com um raio, a fim de impedir tais estragos (HESÍODO, *Teogonia* 986 *et seq.*).

Orestes... –,<sup>30</sup> de Medeia (v. 42),<sup>31</sup> de Niso (v. 44),<sup>32</sup> de Circe (v. 44),<sup>33</sup> de Antígone – não nomeada (v. 45)<sup>34</sup> etc.

Quanto ao ponto das “reivindicações de originalidade”, elas se encontram, nas *Geórgicas*, sobretudo entre v. 40-41.<sup>35</sup> Nemesiano, ainda, dedica-se a essas mesmas funções, em seu proêmio, entre v. 4-14 [declaração da própria originalidade como cantor de caça e, simultaneamente, afirmações de ordem “poetológica”, a respeito das raízes de sua arte no monte Hélicon – onde também Hesíodo fora “visitado” pelas Musas (v. 4) – e do papel inspirador, para si mesmo, do “Castálio”/Apolo (v. 5)].

A promessa de uma épica elogiosa (para Augusto) se anuncia de modo mais claro, em Virgílio, entre v. 46-48, quando o poeta afirma haver, um dia, de “cantar as lutas ardentes de César” (*ardentis accingar dicere pugnas/ Caesaris*, v. 46-47) e de “projetar seu renome, com a fama, por tantos anos quantos dista César da origem primeira de Titono” (*et nomen fama tot ferre per anos,/ Tithoni prima quot abest ab origine Caesar*, v. 47-48). Mas, entre v. 8-39, o autor já fizera a descrição de um “templo”, muitas vezes metaforicamente assimilado à futura escrita da *Eneida* (WILKINSON, 1997, p. 168). O mesmo componente proemial, em Nemesiano, está colocado entre v. 63-85 e vincula-se, no contexto do poema didático em jogo, a prometer a futura glorificação de Carino e Numeriano, chamados “valerosíssimos penhores do divino Caro” (*diui fortissima pignora Cari*, v. 64) pelo poeta. “Caro”, diga-se de passagem, refere-se ao imperador romano

<sup>30</sup> Tantálidas eram os descendentes de Tântalo, rei lendário cujos descendentes se estabeleceram no Peloponeso; dentre esses descendentes, sobretudo Menelau, rei de Esparta, e Agamêmnon, rei de Micenas, eram chamados de “Atridas”, por serem filhos de Atreu; Orestes, por sua vez, era filho de Agamêmnon e Clitemnestra (HOMERO, *Odisseia* XI, 452 *et seq.*).

<sup>31</sup> Medeia, neta do sol, foi uma princesa colca que abandonou a pátria para seguir Jasão, por quem se apaixonara. Depois de traída por ele, em Corinto, matou o rei da cidade e sua filha, com quem Jasão ia casar-se. Também assassinou seus próprios filhos, antes de fugir a salvo para Atenas (SÊNECA, *Medeia*, *passim*).

<sup>32</sup> Niso era o rei de Mégara, cidade cuja segurança dependia de uma madeixa púrpura nascida entre seus cabelos. Ele, no entanto, foi traído por Cila, sua filha, que a cortou e entregou ao inimigo chamado Mínos (OVÍDIO, *Metamorfoses* VIII, 6 *et seq.*).

<sup>33</sup> Circe corresponde a uma feiticeira retratada na *Odisseia* de Homero (X, 133 a 574), sendo ela capaz de transformar homens em feras com seus encantamentos.

<sup>34</sup> Antígone, filha de Édipo e Jocasta, sepultou o corpo do irmão, Polinices, que tombara em luta contra a cidade natal de Tebas. Por ter desobedecido a ordem de Creonte, seu tio, da maneira dita, foi condenada à morte por ele, mas suicidou-se na prisão (SÓFOCLES, *Antígone*, *passim*).

<sup>35</sup> *Interea Dryadum siluas saltusque sequamur/ intactos, tua, Maecenas, haud mollia iussa.* – “Enquanto isso, sigamos às matas e às clareiras intocadas/ das Driades, tuas ordens não fáceis, ó Mecenas” (VIRGÍLIO, *Geórgicas* III, 40-41, trad. M. Trevizam, grifos nossos).

Marco Aurélio Caro (entre 282-283 d.C.) e, segundo o comentário de Williams (1986, p. 166), o termo *diui*, a ele aplicado aqui, indica que já morrera (o que ocorreu em dezembro de 283 d.C.) – e fora divinizado – na data em que Nemesiano escreve essa obra.

Assim apresentada a questão, há, no plano estrutural<sup>36</sup> – não, propriamente, da citação de Virgílio por Nemesiano através de marcadores alusivos (palavras, expressões, posicionamentos de dados em mesma *sedes* métrica de versos...) mais concretos –, claras coincidências entre um e outro proêmio, não só porque as “partes” presentes no início de *Geórgicas* III depois se reiteram no começo dos *Cynegetica*, mas também porque isso ocorre, na última obra mencionada, com respeito geral à sua ordem de surgimento, como encontrável em Virgílio. Com efeito, ao menos, alguma promessa épica vem sempre ao fim de cada peça proemial em pauta e a *recusatio*, quer precedida pela declaração de originalidade – como nos *Cynegetica* –, quer sucedida por ela – como em *Geórgicas* III –, sempre se acha anteriormente a tal anúncio das futuras empresas de cada poeta.

Desejamos, porém, fazer notar como a simples referência a algumas personagens míticas relacionáveis entre si (embora “rejeitadas” para abordagem temática posterior por Virgílio e Nemesiano, nos respectivos *proemia* de *Geórgicas* III e *Cynegetica*) possibilita leituras afinadas com a intertextualidade. Então, Virgílio se recusara a tratar de Hilas em v. 6 desse proêmio, enquanto Nemesiano o fez para o próprio Hércules em v. 32 dos *Cynegetica*; do mesmo modo, o primeiro tocou apenas *en passant* em Pélope e Hipodâmia (v. 7-8) e o segundo o fez, quanto ao rei Enómao, em v. 23.

Ora, a lenda de Hilas se vincula de algum modo à de Hércules na medida em que, como explicamos na nota 15, trata-se do *puer delicatus* perdido pelo semideus nas costas da Mísia, quando fora recolher água em uma fonte.<sup>37</sup> Por sua vez, o relato evocado por

<sup>36</sup> Patricia Prata (2007, p. 87-88) nota que as elegias I, 2 e I, 4 dos *Tristia* de Ovídio poderiam ser aproximadas, no intertexto, do canto I da *Eneida* de Virgílio, inclusive porque uma famosa cena de tempestade marítima presente nessa parte da epopeia (v. 50-123), de algum modo, é ecoada nos dois poemas ovidianos de exílio (intempéries enfrentadas no mar por Eneias “exilado” de Troia em *Eneida* I *versus* intempéries enfrentadas no mar por “Nasão” expulso de Roma em *Tristia* I, 2 e I, 4). Continuando suas análises, quando relaciona a elegia I, 4 também ao canto III da *Eneida*, a mesma estudiosa observa que um aspecto, de fato, *estrutural* e vinculado à disposição, nas sequências narrativas, de tais partes das respectivas obras de Ovídio e Virgílio lhe serve de parâmetro aproximativo entre ambas: “Além das semelhanças que se estabelecem entre a elegia I, 4, I, 2 e o canto I, podemos verificar também uma aproximação entre a quarta elegia ovidiana e o canto III da *Eneida*. Uma primeira comparação é relativa à *ordem* em que são apresentados tais textos em seus respectivos livros e ao conteúdo por eles relatado – *ambos se encontram depois da narração dos infortúnios da última noite dos protagonistas na Cidade antes do exílio (Roma, no caso de Ovídio, e Troia, no de Enéias)* [grifos nossos] e contam a partida dos protagonistas”.

<sup>37</sup> “Quando Hércules combatia os Dríopes, matara-lhes o rei Teódamas e raptara o filho deste, Hilas, um jovem de grande beleza, por quem ele se apaixonara. Hilas acompanhou-o na expedição dos Argonautas. Mas, durante uma escala na Mísia, enquanto Hércules fora cortar uma árvore para fazer um remo (pois aquele

Nemesiano sobre a “lei matrimonial em Pisa” (*Pisaei<que> tori legem*, v. 23) diz respeito, diretamente, ao obstáculo que Pélope teve de superar para poder casar-se com a filha de Enómao, Hipodâmia. No entanto, o modo de apresentação desses mitos por Virgílio, em *Geórgicas* III, parece ressaltar sobretudo a face erótica dos mesmos, com referência explícita à condição de *puer* (= parceiro sexual jovem de um homem mais velho) de Hilas em v. 6; quanto a Pélope e Hipodâmia, além do completo apagamento da crueldade do pai da noiva, há menção ao casal pelo nome de seus integrantes em um único verso (v. 6) e ênfase, ainda que enganadora, sobre os aparentes atrativos de sedução do noivo.<sup>38</sup> Nos *Cynegetica*, por sua vez, surgem facetas lendárias bem mais violentas: com efeito, a “lei matrimonial” a que aludimos diz respeito a algo imposto por ninguém menos que um Enómao decidido a executar todos os pretendentes incapazes do sucesso, enquanto os “Doze Trabalhos”, que também se evocam no proêmio dos *Cynegetica* (*Herculeos... labores*, v. 32), fazem lembrar de um Hércules, além de perseguido por tantas adversidades, necessitado de impor a força bruta e a morte a mais de um monstro.

Isso se coaduna com a imagem da caça, em Nemesiano, como prática escapista e contrária a muitos vícios urbanos – desordens civis, litígios, senilidade, doença, falta de limites etc. (TOOHEY, 2010, p. 207) –, como se não houvesse espaço, nos *Cynegetica*, para a importação por via mítica de alguns dos detestáveis males também presentes nas cidades. Em Virgílio, ademais, rejeitam-se no proêmio versões míticas afinadas com o erotismo justo em um livro marcado por uma caracterização bastante negativa para *Amor* (“desejo”), conforme bem notou Gianfranco Stroppini,<sup>39</sup> de maneira a produzir-se, na interface entre esse poeta e Nemesiano, como que a troca de *éros* passional por males algo variados (inclusive pela violência), em termos dos elementos perturbadores do universo idealizado por cada autor (seja ele agrícola ou venatório).

Isso de novo nos remete a um ponto acima levantado por Hinds quando disse que,

---

de que até então se servira havia-se quebrado), Hilas fora incumbido de ir buscar água a uma fonte, na floresta, ou então ao rio (ou lago) Ascânio. As Ninfas, achando-o tão belo, atraíram-no a si para lhe concederem a imortalidade” (GRIMAL, 2005, p. 228). Esse mito é tratado por Sexto Propércio em *Elegias* I, 20.

<sup>38</sup> Quando nos referimos aos “atrativos de sedução” de Pélope, fazemos menção a seu “ombro de marfim” (*umero... eburno*, v. 7) e à sua “impetuosidade com os cavalos” (*acer equis*, v. 8). Ora, ter essa personagem um ombro ebúrneo não se deve propriamente à luminosidade de sua pele, mas sim ao fato de um de seus ombros ter sido devorado pela deusa Deméter depois de seu pai, Tântalo, matá-lo e servir a carne do filho desmembrado aos deuses, em um banquete funesto. Assim, ele foi trazido de volta à vida devido à comiseração dos deuses e o ombro mutilado recebeu, em seu lugar, uma prótese de marfim forjada por Hefesto, o artesão divino (VIRGIL, 2001, p. 179).

<sup>39</sup> “Virgile s’attache aux ravages que cette puissance infernale déchaîne dans l’esprit des bêtes; elles sont saisies d’une véritable folie meurtrière, aveuglées par le désir” (STROPPINI, 2003, p. 49).

em sua relação intertextual com o a *Eneida*, Ovídio do grande épico constituído pelas *Metamorfoses*, longe de se deixar intimidar por Virgílio, parece apropriar-se independente e, até, criticamente de vários aspectos narrativos esboçados ao longo do modelo.<sup>40</sup> *Mutatis mutandis*, mas ainda parafraseando Hinds (1998, p. 106-107), nota-se pelos dois “pares míticos” que destacamos há pouco do intertexto constituído por *Geórgicas* III e inícios dos *Cynegetica* de Nemesiano – ou seja, Hílas/Hércules e Hipodâmia-Pélope/Enómao – que essa última obra “rastrea de perto a linha narrativa do terceiro proêmio geórgico”; “mas, onde quer que Virgílio seja ‘erótico’, Nemesiano é ‘violento’, e enfatiza a violência dos (mesmos) mitos de modo a rejeitar os temas alheios ao próprio poema didático, não ao de Virgílio. [...] Em vez de se construir como um leitor epigonal das *Geórgicas*, Nemesiano está, neste ponto, construindo Virgílio como um *precursor mal ajustado* dos *Cynegetica*”.

O prosseguimento do exame intertextual em Nemesiano continua revelando coincidências com as fontes de Grácio Falisco, pois, semelhantemente ao que notamos quando se comparou esse poeta a Virgílio, algumas passagens de novo parecem, no autor dos *Cynegetica*, remeter de forma mais ou menos explícita a *Geórgicas* III:

*Illis ampla satis leui sunt aequora dorso  
immodicumque latus paruaeque ingentibus alui,  
ardua frons auresque agiles capitisque decori 245  
altus honos oculique uago splendore micantes;  
plurima se ualidos ceruix resupinat in armos;  
fumant umentes calida de nare uapores,  
nec pes officium standi tenet, ungula terram  
crebra ferit uirtusque artus animosa fatigat.<sup>41</sup> 250*

*Primus et ire uiam et fluuios temptare minantis  
audet et ignoto sese committere ponti  
nec uanos horret strepitus. Illi ardua ceruix  
argutumque caput, breuis aluos obesaque terga, 80  
luxuriatque toris animosum pectus. Honesti  
spadices glaucique; color deterrimus albis  
et giluo. Tum, si qua sonum procul arma dedere,  
stare loco nescit, micat auribus et tremít artus*

<sup>40</sup> Veja-se *supra* nota 13.

<sup>41</sup> “Têm a superfície suficientemente vasta no dorso suave,/ o lado desmedido e o ventre pequeno para quem é enorme,/ a frente elevada, as orelhas rápidas, a alta honra da bela/ cabeça e olhos que cintilam com um brilho vagante;/ a nuca, avantajada, dobra-se para trás sobre fortes espáduas;/ fumegam vapores úmidos das cálidas narinas, a pata/ não se mantém na obrigação de parar, o casco atinge a terra/ muitas vezes e intrépido valor fatiga os membros” (NEMESIANO, *Cynegetica* 243-250, trad. M. Trevizam, grifos nossos).

*collectumque fremens uoluit sub naribus ignem.* 85  
*Densa iuba et dextro iactata recumbit in armo;*  
*at duplex agitur per lumbos spina, cauatque*  
*tellurem et solido grauius sonat ungula cornu.*<sup>42</sup>

Detalhes como os ressaltados acima, que se vinculam, em Nemesiano, a apresentarem os cavalos “fronte elevada” (*ardua frons*, v. 245), mas, em Virgílio, “nuca alta” (*ardua ceruix*, v. 79) e a terem no primeiro, além disso, “ventre(s) pequeno(s)” (*paruae alui*, v. 244) e, no segundo, quase o mesmo traço (*breuis aluos*, v. 80), permitem dotar uma e outra descrição de características físicas, na verdade, bem semelhantes. Ainda no que diz respeito aos traços físicos dos cavalos, os dois escritores ressaltaram semelhantemente a relação de alguma parte próxima à cabeça com a(s) espádua(s) equina(s), sendo ela a “nuca avantajada” em Nemesiano (*plurima ceruix*, v. 247) e “a crina densa” em Virgílio (*densa iuba*, v. 86).

Ademais, quando os autores mencionam os gestos em nexos com os mesmos cavalos descritos, é clara a vinculação do fôlego com alguma ideia de calor, seja ela os “vapores úmidos” que “são fumegados” (*fumant... umentes uapores*, v. 248) pelos animais de Nemesiano, seja o “fogo recolhido” (*collectum... ignem*, v. 85) do espécime de Virgílio. Essa possibilidade de aproximação, até certo ponto, entre os comportamentos dos cavalos focalizados pelo último autor citado e aquele do poeta dos *Cynegetica* persiste porque esse *magister* mostra o “casco” do animal a “atingir a terra” (*ungula terram... ferit*, v. 249-250), mas Virgílio tinha dito que “o casco escava a terra” (*cauatque/ tellurem ungula*, v. 87-88).

Sob o ponto de vista intertextual, o fato de haver, em Virgílio, maior ênfase no elemento ígneo para caracterizar os equinos, como se tais animais literalmente soltassem fogo pelas ventas,<sup>43</sup> favorece pensarmos em atribuir essa relativa diferença de figuração a algo posto com bastante destaque nas *Geórgicas*, não nos *Cynegetica*. Com efeito, os equinos são definidos, no livro III do poema de Virgílio, como os animais que mais se inflamam de desejo sexual na natureza: isso é perceptível através da imagem das éguas de Glauco, o filho de Sísifo, que o mataram a dentadas depois de ele privá-las do contato com

<sup>42</sup> “Primeiro ousa pôr-se a caminho, experimentar rios/ ameaçadores e entregar-se a uma ponte desconhecida,/ nem se apavora com ruídos sem importância. Tem a nuca alta/ e a cabeça afilada, o ventre pequeno, o dorso gordo,/ o peito intrépido abunda em músculos. Bons/ os baios e de olhos verdes, a pior cor têm os brancos/ e o cinza-escuro. Então, se em algum ponto ao longe as armas ressoaram,/ não sabe parar no lugar, remexe as orelhas, faz tremer os membros/ e, fremente, revolve sob as narinas o fogo recolhido./ A crina é densa e pende lançada na espádua direita;/ mas a espinha se estende dos dois lados pelos lombos e o casco/ escava a terra e ressoa forte com dureza córnea” (VIRGÍLIO, *Geórgicas* III, 77-88, trad. M. Trevizam, grifos nossos).

<sup>43</sup> Enquanto, em Nemesiano – que apenas recorre à imagem dos “vapores”, em circunstâncias semelhantes –, produz-se certa suavização da fogsidade dos cavalos.

os machos, a fim de serem mais ardorosas nas corridas (v. 266-268), bem como quando Virgílio descreve o ímpeto sexual das éguas que vagam pelos montes ávidas de parceiros e, mesmo sem eles, engravidam nesse estado até do vento (v. 275). Ademais, imagens vinculadas às chamas, para referir-se a um amor ou desejo extremamente forte, constituem lugar-comum expressivo da poesia antiga, encontrando-se, além de em *Geórgicas* III,<sup>44</sup> na elegia erótica romana.<sup>45</sup>

Em contrapartida, Nemesiano preferiu não ressaltar esse aspecto psicofisiológico dos cavalos e, quando atribui o traço de alguma avidez pelo sexo, fá-lo não para equinos ou outros animais maiores, mas sim para meros cachorros:

*Sed diuersa magis feturae conuenit aetas:  
tu bis uicenis plenum iam mensibus **acrem**                    120  
in uenerem permittit **marem**; sit femina, binos  
quae tulerit soles. Haec optima cura iugandis.*<sup>46</sup>

Nessa passagem, não se trata de um uso de palavra identificada com “chama” – *flamma* – ou “fogo” – *ignis* –, mas sim do emprego do adjetivo *acer*, passível de indicar algo muito “enérgico” ou mesmo “fugoso” no desempenho de um ato. Desse modo, não consideramos despropositado pôr em paralelo essa impetuosidade dos cachorros de Nemesiano com aquela dos equinos de Virgílio, sobretudo porque, como dissemos, através de certo mecanismo “corretivo” encontrável na obra do autor dos *Cynegetica*, os cavalos e éguas deixam de revestir-se do traço da volúpia extrema, para transferi-los a outros. Além disso, os instintos reprodutivos dos animais em geral “se amaciam” e não parecem, nos *Cynegetica*, resvalar no aspecto destrutivo amiúde associado por Virgílio a *Amor* “desejo”.<sup>47</sup>

<sup>44</sup> *Omne adeo genus in terris hominumque ferarumque/ et genus aequoreum, pecudes pictaeque uolucres,/ in furias ignemque ruont: amor omnibus idem.* – “Inteiramente toda a estirpe dos homens e animais na terra,/ a estirpe marinha, os rebanhos e as aves coloridas/ se precipitam à fúria e ao fogo: o desejo é o mesmo para todos” (VIRGÍLIO, *Geórgicas* III, 242-244, trad. M. Trevizam, grifos nossos).

<sup>45</sup> *Haec quoque perfecto ludebat Iasone Varro,/ Varro Leucadiae maxima flamma suae;* – “Varrão, ao concluir Jasão, também brincava assim/ Varrão, a maior chama de sua Leucádia” (PROPÉRCIO, *Elegias* II, 34, 85-86, trad. M. Trevizam, grifos nossos).

<sup>46</sup> “Mas antes convém à reprodução a diferença de idade:/ tu, manda o macho cobrir fugoso depois de ele/ completar quarenta meses; seja a fêmea a que já tiver/ dois anos. Esse é o melhor arranjo para acasalá-los” (NEMESIANO, *Cynegetica* 119-122, trad. M. Trevizam, grifos nossos).

<sup>47</sup> Em contrapartida, encontramos o vocábulo *flammae* em *Cynegetica* (v. 211) não para descrever o impulso sexual, mas sim certas condições fisiológicas (e ambientais) passíveis de induzirem os cães à raiva.

É curioso notar que Virgílio, eventualmente “corrigido” por poetas posteriores através dos mecanismos de retomada e transformação de sentidos característicos do jogo intertextual, também “corrigira” Tito Lucrécio Caro, autor do poema chamado *De rerum natura* – publicação em meados do séc. I a.C. –, em *Geórgicas* II, 490-502.<sup>48</sup>

Virgílio retoma material lucreciano para *corrigir* [grifo meu] as concepções do filósofo materialista. Assim, ao ideal racionalista do homem que conhece as causas dos fenômenos e, desse modo, livra-se do medo dos deuses e da morte e oferece aos outros mortais a via da libertação através da razão, o poeta das *Geórgicas* oporá o ideal da vida bucólica, proclamando feliz também o camponês piedoso que vive apartado da corrupção da cidade (VASCONCELLOS, 2001, p. 51).

A repetição desse mecanismo intertextual que já caracterizava a obra de seu modelo, então, talvez tenha significado para Nemesiano um modo sutil de remeter-se a toda uma linhagem de poetas os quais, embora inseridos no interior de uma única tradição compositiva, a da poesia didática antiga, não necessariamente concordaram em suas visões de mundo.

Apenas para apontarmos um provável exemplo de elo intertextual a unir o próprio Nemesiano a Grácio Falisco, seu antecessor na poesia romana de caça, deve-se lembrar que, conforme nota *ad locum* de Duff & Duff (NEMESIANUS, 1998, p. 497), as semelhanças de conteúdo e expressão entre v. 138-139 de Nemesiano e v. 298-299 do *Cynegeticon liber* de Grácio Falisco sugerem que o primeiro teria lido o segundo, apesar das liberdades no (re)arranjo:

*Pondere nam catuli poteris **perpendere uires**  
corporibus <que> **leues** grauibus praenosceres cursu.*<sup>49</sup>

*Illius et manibus **uires** sit cura futuras  
**perpensare: leues** deducet **pondere** fratres.*<sup>50</sup>

<sup>48</sup> O início desse trecho virgiliano corresponde ao que segue (v. 490-494): *Felix qui potuit rerum cognoscere causas/ atque metus omnis et inexorabile fatum/ subiecit pedibus strepitumque Acherontis auari./ Fortunatus et ille deos qui nouit agrestis/ Panaque Siluanumque senem Nymphasque sorores.* – “Feliz quem pôde conhecer as causas das coisas/ e todo medo e o fado inexorável submeteu/ a seus pés, com o ruído do Aqueronte avaro: afortunado/ também aquele que conhece os deuses agrestes,/ Pã, o velho Silvano e as ninfas irmãs” (trad. M. Trevizam).

<sup>49</sup> “Poderás, pois, *medir pelo peso as forças do cachorrinho/ e, pela massa corporal, prever os ligeiros nas corridas*” (NEMESIANO, *Cynegetica* 138-139, trad. M. Trevizam).

O cotejo do par de versos de Nemesiano com o de Grácio Falisco pode revelar-nos a formação de um quiasmo, na medida em que *uires... perpensare* (v. 298-299) do segundo antecede o ablativo *pondere* (v. 299); mas, em Nemesiano, esse mesmo ablativo passa a ser posicionado de forma a anteceder ele próprio o infinitivo que tem como complemento *uires* (v. 138). Similarmente, ainda sob um ponto de vista formal, o único termo diretamente “recuperado” de Grácio que se encontra em v. 139 de Nemesiano é *leues*, posto de forma isolada, nesse sentido, no verso em que se encontra; em contrapartida, a comparação entre Grácio e Nemesiano também leva a ver que o único vocábulo em partilha entre os dois autores, quando se examina v. 298 do poeta de *Cynegeticon liber*, é *uires*, fazendo-nos entender que esses dois termos em isolamento podem ser lidos intertextualmente como algo em relevo nos respectivos textos em que se encontram.

Sob o aspecto da significação assim constituída, é curioso notar que Grácio estruturara sua dicção para fazer com que o objetivo do tratador de cachorros – “sopesar as forças (*uires*) futuras” dos animais (v. 298-299) – antecederesse o modo de alcançá-lo (“*pelo peso*, rebaixará leves irmãos”, v. 299). Em Nemesiano, no entanto, o objetivo dessa mesma personagem do cotidiano venatório – “prever os *ligeiros (leues)* na corrida” (v. 139) – apenas se apresenta depois da forma de alcance [“medir *pelo peso* as forças do cachorrinho e, *pela (massa) corporal*”, v. 138-139], como se, no último poeta, ainda ocorresse certa “correção” diante do foco privilegiado em *Cynegeticon liber* no contexto em pauta. Ou seja, passa-se de uma espécie de valorização ordenadora dos fins para aquela dos meios, apesar do inegável relevo do polo atinente à meta nos dois autores, como se explicou no parágrafo de cima, quando enfatizamos a importância do posicionamento isolado/em destaque das palavras *leues* (em Nemesiano) e *uires* (em Grácio).

## Conclusão sucinta

Os exemplos supracitados comprovam o estabelecimento de uma espécie de “rede” a unir o livro terceiro de *Geórgicas*, aquele mais relacionável aos assuntos de caça por também abordar animais – embora sobretudo domésticos – em seus versos, e os respectivos poemas de Grácio Falisco e Marco Aurélio Olímpio Nemesiano. Esse último, ainda, de acordo com o exemplo que acabamos de ver, deve ter sido leitor de *Cynegeticon liber* e atentado para os saberes e modos expressivos de seu “ascendente” no âmbito da Literatura venatória romana.

---

<sup>50</sup> “Encarrega-te também de *sopesar as forças* futuras dele,/ com tuas mãos: *pelo peso*, rebaixará *leves* irmãos” (GRÁCIO FALISCO, *Cynegeticon liber* 298-299, trad. M. Trevizam).

Por fim, esses dados atestam que, transpostos para outros contextos, certas palavras e modos compositivos, antes “alheios”, passam decididamente a integrar o arsenal dos recursos de escrita de cada autor que os incorpora à própria obra, produzindo-se novas significações no contato do “novo” com o(s) hipotexto(s).<sup>51</sup> A título de uma sumária recapitulação, suavização (do gesto de abater animais), mudança de foco diante dos aspectos negativos da existência a serem evitados como temas poéticos, desde os proêmios, troca da impetuosidade sexual dos equinos pela dos cães e correção sequencial de determinados meios e fins, na lida venatória, correspondem a alguns dos efeitos intertextualmente obtidos pelo exame das passagens vistas das *Geórgicas*, do *Cynegeticon liber* e dos *Cynegetica*.

## Referências

BARCHIESI, A. Otto punti su una mappa dei naufragi. *Materiali e discussioni per l'analisi dei testi classici*, Pisa-Roma, n. 39, p. 209-226, 1997.

BARTHES, R. A morte do autor. In: BARTHES, R. *O rumor da língua*. Trad. Mário Laranjeira. São Paulo: Brasiliense, 1988. p. 65-70.

DUFF, J. W.; DUFF, A. M. Introduction to Nemesianus. In: FLORUS *et alii*. *Minor Latin poets*: vol. II. Translated by J. W. Duff and A. M. Duff. Cambridge, Mass./London: Harvard University Press, 1998. p. 451-455.

FOUCAULT, M. O que é um autor? In: FOUCAULT, M. *O que é um autor?* Trad. Antônio Fernando Cascais e Eduardo Cordeiro: Alpiarça: Vega, 2000. p. 29-87.

FOWLER, D. On the shoulders of giants: intertextuality and classical studies. In: FOWLER, D. *Roman constructions: readings in postmodern Latin*. Oxford: Oxford University, 2000. p. 115-137.

---

<sup>51</sup> “In contrast, the focus in recent years has been on the way in which intertextuality creates meaning in texts through a dialectic between resemblance and difference. Although difference remains highly significant, there has been a major change in the way that the earlier texts are again now seen to leave ‘traces’ of themselves within the target text. When Dido, for instance, first appears before the hidden Aeneas, she recalls at many points Nausicaa as seen by Odysseus on the beach. But whereas Nausicaa was surrounded by young women, Dido is explicitly said to be *magna iuuenum stipante caterua* (*Aeneid* 1, 497): she is more powerful, ruling over men not just over handmaidens” (FOWLER, 1997, p. 18).

GALE, M. *Virgil on the nature of things: the “Georgics”, Lucretius and the didactic tradition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.

GRATTIUS. *Cynegeticon*. In: PUBLILIUS SYRUS *et alii*. *Minor Latin poets: vol. I*. Translated by J. W. Duff and A. M. Duff. Cambridge, Mass./London: Harvard University Press, 1982. p. 143-208.

GRIMAL, P. *Dicionário de mitologia grega e romana*. Trad. Victor Jabouille. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

HINDS, S. *Allusion and intertext: dynamics of appropriation in Roman poetry*. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.

HORACE. *Odes*. Texte établi et trad. par F. Villeneuve. Paris: Les Belles Lettres, 2002.

NEMESIAN. *Cynegetika*. Edition und Kommentar von Rainer Jakobi. Berlin/New York: De Gruyter, 2014.

NEMESIANUS. *Cynegetica*. In: FLORUS *et alii*. *Minor Latin poets: vol. II*. Translated by J. W. Duff and A. M. Duff. Cambridge, Mass./London: Harvard University Press, 1998. p. 484-512.

OVID. *Ars amatoria book 1*. With a commentary by A. S. Hollis. Oxford: Oxford University Press, 1977.

OVÍDIO. *As metamorfoses*. Org. Mauri Furlan e Zilma Gesser Nunes. Florianópolis: UFSC, 2017.

PASQUALI, G. *Arte allusiva*. In: PASQUALI, G. *Pagine stravaganti*. Firenze: Sansoni, 1968 [1942]. p. 275-282.

PRATA, P. Intertextualidade e Literatura latina: pressupostos teóricos e geração de sentidos. *Phaos*, Campinas, v. 17, n. 1, p. 125-154, jan./jun. 2017.

PRATA, P. *O caráter alusivo dos Tristes de Ovídio: uma leitura intertextual do livro I*. 2002. 162 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2002.

PRATA, P. *O caráter intertextual dos Tristes de Ovídio: uma leitura dos elementos épicos ovidianos*. 2007. 421 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007.

PRATA, P. Questões de autoria na Roma antiga. In: BARBOSA, M. V. B.; FONTANA, M. G. Z. (org.). *Caderno de Qualificações*. Campinas: Instituto de Estudos da Linguagem, 2005. p. 157-235.

STROPPINI, G. *L'amour dans les "Géorgiques" de Virgile, ou l'immanence dans l'être*. Paris: L'Harmattan, 2003.

TOOHEY, P. *Epic lessons: an introduction to ancient didactic poetry*. London/New York: Routledge, 2010.

VASCONCELLOS, P. S. *Efeitos intertextuais na "Eneida" de Virgílio*. São Paulo: Humanitas/FAPESP, 2001.

VIRGIL. *The Eclogues & Georgics*. Edited with introduction and notes by R. D. Williams. London: Bristol Classical Press, 2001.

VIRGILE. *Géorgiques*. Texte établi et trad. par E. de Saint Denis. Paris: Les Belles Lettres, 1998.

VIRGÍLIO. *Eneida*. Trad. Carlos Alberto Nunes, org. João Angelo Oliva Neto. São Paulo: Editora 34, 2016.

WILKINSON, L. P. *The Georgics of Virgil: a critical survey*. Norman: Oklahoma University Press, 1997.

WILLIAMS, H. J. *The "Eclogues" and "Cynegetica" of Nemesianus*. Edited with introduction and commentary. Leiden: E. J. Brill, 1986.

**MATHEUS TREVIZAM**

Doutor em Linguística pelo Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas (IEL-Unicamp); professor associado III da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

Lattes iD: [lattes.cnpq.br/9371338613375993](http://lattes.cnpq.br/9371338613375993)

E-mail: [matheustrevizam2000@yahoo.com.br](mailto:matheustrevizam2000@yahoo.com.br)